



verve

Drogas-nocaute

drogas-nocaute¹

edson passetti & acácio augusto



Abertura



Roberto e Erasmo Carlos: *“Sentado à beira do caminho”*.

Andre (em off):

Boxe em 12 *rounds*, com a possibilidade de um nocaute iminente. A luta é nossa!

Soa o gongo!

Edson Passetti é professor no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Coordena o Nu-Sol. Acácio Augusto é doutorando em Ciências Sociais na PUC-SP, pesquisador no Nu-Sol/PUC-SP, professor colaborador no Departamento de Política da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP e no Curso de Relações Internacionais da FASM.

verve, 18: 13-45, 2010

13





$\frac{18}{2010}$

Andre (em off):

Primeiro *Round*: *Conversação*.

Cena única: Conversação.

Bia:

O controle das drogas é fundamental para a saúde da população.

Aline:

O uso de substâncias que alteram a percepção e a conduta de um indivíduo tem uma implicação coletiva que deve ser conhecida, regulada e utilizada.

Salete:

De fato, as pesquisas científicas recentes aproximam o funcionamento do cérebro ao vício.

Acácio:

O investimento moderno da ciência sempre esteve direcionado para extrair uma positividade dessa relação e dar utilidade ao uso de drogas.

Gus:

Hoje em dia os cientistas associam o vício aos efeitos produtivos das drogas.

Salete:

A dopamina, substância responsável pela ativação da sensação de prazer no cérebro, é também responsável por intensificar a retenção de informações na memória.

Acácio:

O que é vício? Você responderá que é uma conduta condenável moralmente mas, diante das constatações mais recentes da ciência, o vício, mais uma vez, se transformará em virtude.

14





verve

Drogas-nocaute

Bia:

Vício é virtude quando o que se convencionou chamar de droga vira medicamento.

Acácio:

Com uma diferença, agora não é mais para a cura. É para intensificar produtividades. Vale a pena dopar-se para produzir mais na empresa, na universidade, nos laboratórios, nos institutos, enfim, o castigo permanece para quem desafia a conformação da moral.

Cabelo:

Estamos num tempo em que há mais dopados do que drogados.

Gus:

Parece que estamos num eterno retorno do que num momento é vício e, em outro, virtude, cura, utilidade, lucro, prazer moderado... e um tantão de coisas que muda para conservar o conformismo.

Alexis:

... e um tantão de coisas que muda para conservar o conformismo.

Cabelo:

Nunca vivemos, como hoje em dia, sob tantas regulamentações de condutas condenáveis e prescrições para a boa conduta.

Acácio:

Eu só sei uma coisa, em todas as culturas há evidências de usos de substâncias que levam a estados alterados. Experimenta-se para lidar com o sobrenatural e o real, a partir do que a natureza oferece.

Sofia:

... a partir do que a natureza oferece.





$\frac{18}{2010}$

Mauricio:

Somos curiosos.

Acácio:

Olha-se para o mundo a partir de um ponto de vista. O mundo não é uma explicação a partir do enunciado socrático “conhece-te a ti mesmo”. O mundo existe a partir de perspectivas e não enquanto vontade e representação.

Salete:

O mundo existe antes e depois da filosofia. Está além e aquém das explicações, prescrições, conservações e representações.

Bia:

Até mesmo o que chamam de mundo não deve ser visto a partir da Terra, da eloquência da razão, dos efeitos do monoteísmo ou do paganismo...



Gus:

A vida acontece quando provoca transformações. E cada um pode atizar transformações em si, em volta de si, contra si e contra todos. A vida é muito mais do que o fato biológico.



Salete:

Só para falar de uma cultura que nos inventou, os gregos antes de pretenderem criar uma verdade que convencesse a todos, argumentando que era uma verdade desinteressada por não pertencer a um grupo específico, mas destinada à humanidade, pronunciavam verdades a partir de uma perspectiva que não desconhecia o combate entre as verdades. Não pretendiam, ainda, serem os donos do mundo. Cuidavam de si e inventavam maneiras livres de existir.

Cabelo:

Mas, minha cara, havia escravos, era uma existência aristocrática...

16





verve

Drogas-nocautes

Salete:

Mas, meu caro, isso é história... o que eu disse é que os livres se libertaram do monarca; o que estou dizendo é que precisamos inventar uma vida liberada dos monarcas, tenham eles o nome de rei, povo, lei, pai, ser superior, humano ou demasiado humano. Não ser escravo dos outros, nem escravo de si mesmo!

Gus:

Os gregos cuidavam do corpo e da mente no *gymnasio*, no banquete, nas guerras, nas convivências, nos cuidados com a cidade, e provavam da natureza sabores surpreendentes. Acabaram experimentando o trágico.

Acácio:

Se você quiser chamar isso de saúde, eu compreenderei, da mesma maneira que entendo a encenação grega em Roma e o surgimento das perversões, das depravações. Note, meu caro, que agora a tal da verdade desinteressada encontra o território fértil para justificar proibições, corrupções, tiranias, e a *desinteressada* busca pelo melhor governo. Criaram o drama.

Aline:

Idade das trevas anunciada, ora como Idade Média, ora como saída da caverna platônica para o equilíbrio e a sobriedade do Renascimento e do Iluminismo.

Lili:

Que porra de aula de história é essa!

Bia:

Inconformados, alquimistas e feiticeiras abalavam o verdadeiro e o falso nos mostrando, mais uma vez, a diversidade em conhecer. As feiticeiras curavam e prognosticavam com suas poções, a partir do passado, o que seria o presente imediato. Os alquimistas buscavam pelo *phármakon*, a partir do presente, a vida eterna.





18
2010

Maurício:

Os historiadores remontavam o passado para justificar o presente e o futuro. Os filósofos arriscavam justificar o presente e anunciar o futuro. A grande guerra contra os deuses se transformou em guerra permanente entre os homens.

Salete:

E agora você perguntará: com quem estava a verdade?

Acácio:

Qual o uso das drogas? O que é droga? Quanto nisso tudo não houve uma droga de vida? Quanto de droga não está com quem comanda? O que estamos fazendo de nós mesmos?

Gus:

O que fizemos de nós mesmos?

Lili:

O que farei de mim mesma?

Edson (em off):

“As pessoas inteligentes e *desinteressadas* poderiam perguntar-se: uma vez que as leis penais se mostram impotentes, por que não tentar, mesmo que a título de experiência, o método anarquista?”²

Todos:

Que tal?

Fim do primeiro round. Soa o gongo!

18



verve

Drogas-nocautes

Andre (em off):

Segundo Round: *Pó de pirlimpimpim e crack.*

Cena 1: Pó de pirlimpimpim.

Lili:

“Não é fácil lidar com o pó de pirlimpimpim. Deu uma pitada a cada um e mandou que o cheirassem. Todos o cheiraram — sem espirrar, porque não era rapé. Só Emília espirrou. A boneca espirrava com qualquer pó que fosse desde o dia em que viu tia Nastácia tomar rapé. Assim que cheiraram o pó de pirlimpimpim, que é o pó mais mágico que as fadas inventaram, sentiram-se leves como plumas, e tontos, com uma zoeira nos ouvidos. As árvores começaram a girar-lhes como dançarinas de saio de folhas e depois foram se apagando. Parecia sonho.”³

Cena 2: Crack.

Gus:

“Eu devia para o cara. (...) Você tem que zerar a conta. Ou paga direto com a vida.

Dez anos no craque. Já fiz cinco tratamentos. Minha mãe reza e chora. Se descabela, a infeliz. De joelho me pede. Lá vou eu para a clínica. Fico numa boa. Mas dou umas recaídas. Não bebo, não. Só na bendita pedra. (...)

Eu tava três dias fumando horrores. Sem comer. Sem dormir. Fumo tudo que tiver. Se você para a fissura te pega. (...)

O craque. Você não consegue largar. É diferente porque ele você ama.

Só dez segundinhos porra. Te bate no pulmão. O bruto soco na cabeça. E o mágico *tuimmm!*

A gente que fuma tá sempre ligadão. Você fica o tal. Com uma força maior. Olho de vidro, o polegar chamuscado (...).





Daí o Buba veio com essa pressão na minha cabeça. (...) O traficante você conhece logo. Tem sangue no olho.

Sou pilantra. Mas não sou do crime. Veja, tirei cursinho e tudo. Com ofício e registro na carteira. Mais de uma firma importante.

Essa foi a última roubada que eu entrei fundo. Juro por meu Jesus Cristinho. (...)

O Buba meteu a peça de guerra na minha mão. E passou a fita:

— Seguinte o lance, mano. Esse aí vai pagar é com a vida. Certo, soldado? (...)

E botô a arma pro safado:

— A ordem veio do comando. Vamo até ali que a gente acerta.

Sabe o que fez o merdinha? Encarou feio, sem piscar. Tive que dar nele. (...)

Uai, nem raspou, de levinho, a única bala.

Daí me apavorei. Tô fora. (...)

Nem eu acredito.

Desta vez era outra voz. (...)

— Cê tá livre. Tá limpo com a zona!

(...) Foi a mãe. Zerou direto a dívida com o Buba.

Agora, vida nova. (...)

Ei, você aí, ó cara? Tem um craquinho aí?⁷⁴

Tuiiiimmmmm!!!

Todos:

Tuiiiimmmmm!!!

Fim do segundo round. Soa o gongo!





verve

Drogas-nocaute

Andre (em off):
Terceiro *Round*: *Ayuasca*.

Cena única: *Ayuasca*.

Acácio:

“Imediatamente depois da cerimônia de posse, Roosevelt apareceu na sacada da Casa Branca usando vestes cor de púrpura dos imperadores romanos (...). Cuinchou para convocar os integrantes de seu gabinete e determinar a posição que cada um deles ocuparia. Os membros do gabinete chegaram apressados, grunhindo e guinchando como porcos que eram.

Gus:

Uma bicha velha conhecida pela polícia do Brooklyn como ‘Ana Punheta’ foi nomeada para Chefe de Estado Maior, de modo que os oficiais mais jovens do departamento foram sujeitados a indignidades impronunciáveis nos banheiros do Pentágono (...).

Bia:

Uma travesti gostosona recebeu o posto de bibliotecária do Congresso. Imediatamente mandou barrar o sexo masculino das premissas — um professor de filologia de renome mundial saiu com o maxilar quebrado por um sapatão brutamontes quando tentou entrar na biblioteca. A biblioteca virou local de orgias lésbicas, que ela chamou de Rituais das Virgens Vestais. (...)

Lili:

O ‘Magrinho do Metrô’, um trombadinha, assumiu o cargo de Subsecretário de Estado e chefe do cerimonial e causou ruptura diplomática com a Inglaterra quando o embaixador inglês ‘deu em cima dele’...





$\frac{18}{2010}$

Acácio:

... esse é um termo de trombadinha para dizer que o assaltado ficou de pau duro quando seus bolsos estavam sendo vasculhados (...).

Cabelo:

Lonnie, o Cafetão, tornou-se embaixador geral e saiu em viagem junto com 50 'secretários' para exercer sua função execrável.

Aline:

Uma *drag queen*, conhecida como 'Eddie, a Dama', encabeçou a Comissão de Energia Nuclear e convocou os físicos para um coral masculino que se apresentava como 'Os Garotos Atômicos'.

Bia:

Em resumo, homens que tinham ficado de cabelos brancos e perdido os dentes no cumprimento do serviço leal a seu país foram demitidos, sumariamente nos termos mais depravados possíveis, como:

Cabelo:

'Está despedido, seu velho fodido'.

Lili:

'Tira essa bunda preguiçosa daqui agora mesmo'.

Bia:

(...) Arruaceiros e desqualificados do mais desprezível calibre tomaram conta dos cargos mais altos (...).

Mauricio:

Secretário do tesouro: 'Mike Tabáina', um viciado em heroína das antigas.

Lili:

Diretor do FBI: um empregado de uma sauna turca especializado em massagens nada éticas. (...)

22





verve

Drogas-nocaute

Cabelo:

Secretário da [Cultura]...

Mulheres:

[Agricultura!]

Cabelo:

... Agricultura: 'Luke Bagre', um garoto de Rua de Buceta-
villem no Alabama, que passara 20 anos bêbado de tintura
de ópio e extrato de limão.

Gus:

Ministro para o Reino Unido: 'Wilson Banha', que conse-
guiu seu dinheiro para comprar barbitúricos fazendo chan-
tagem com pessoas que tinham fetiche por pés e andavam
em lojas de calçados.

Acácio:

Chefe dos Serviços de Correio: 'Moleque Pó de Ópio', (...) trapaceiro das favelas. Atualmente trabalha em uma rotina chamada 'Tirando do olho' — planta-se uma catarata falsa no olho do selvagem...

Salete:

... selvagem é como os trapaceiros dizem trouxa. (...)

Lili:

Quando a Suprema Corte barrou algumas das legislações perpetradas por essa corja, Roosevelt forçou os integrantes do augusto tribunal, um por um, sob a ameaça de rebaixamento imediato ao posto de Atendente de Banheiro Congressional, a manter relações com um babuíno de bunda roxa, de modo que homens veneráveis e honrados se submeteram aos carinhos de um símio lascivo e rosmento, enquanto Roosevelt, sua esposa biscate e o puxa-saco veterano Harry Hopkins, fumando um cachimbo coletivo de haxixe, assistiam à cena lamentável com arroubos de gargalhadas obscenas.



$\frac{18}{2010}$

Aline:

O ministro Blackstrap sucumbiu diante de uma hemorragia retal ali mesmo, mas Roosevelt só riu e disse, bem grosseiro:

Maurício:

‘Tem muito mais no lugar de onde isso aí veio’.

Bia:

Hopkins, incapaz de se controlar, rolou no chão em convulsões sicofânticas, repetindo sem parar:

Cabelo:

‘Você está me matando chefe, você está me matando’. (...)

Maurício:

‘A melhor coisa para a indisposição é um pau de babuíno no cu. Certo, Harry?’

Cabelo:

‘Certo, chefe. Eu não uso outra coisa’. (...)

Acácio:

Roosevelt então indicou o babuíno para substituir o ministro Blackstrap, ‘adoentado’.

Gus:

Então, dali em diante, os processos da Corte Suprema passaram a ser conduzidos com um símio aos berros que cagava e mijava e se masturbava em cima da mesa e que, com boa frequência, pulava em cima de algum dos ministros e o deixava em frangalhos.

Lili:

As vagas assim criadas eram invariavelmente preenchidas por símios, de modo que, com o passar do tempo, a Suprema Corte veio a ser constituída por 9 babuínos de bunda roxa; e Roosevelt, alegando ser o único capaz de interpretar suas decisões, assim ficou com o controle do mais alto tribunal do país. (...)

24





verve

Drogas-nocaute

Cabelo:

E finalmente, [Roosevelt] mandou colocar uma escavadeira mecânica nos andares, de modo que os legisladores mais obstinados eram enterrados vivos. (...)

Bia:

Os sobreviventes tentaram dar continuidade a seu trabalho na rua, mas foram presos por vadiagem e mandados para o reformatório como mendigos comuns. (...)

Acácio:

Então Roosevelt entregou-se a uma conduta tão vil e desenfreada que dá vergonha até de falar. Instituiu uma série de concursos com o intuito de promulgar os atos e instintos mais baixos de que a espécie humana é capaz.

Lili:

Houve o concurso do Ato mais Ofensivo, o concurso do Truque mais Baixo, a Semana do Abuso Sexual Infantil, a Semana de Entregar seu Melhor Amigo — dedos-duros profissionais não podiam se inscrever.

Bia:

Exemplos de inscritos: o capitão do navio que vestiu roupas de mulher e correu para o primeiro bote salva-vidas;

Lili:

o drogado que roubou um supositório de ópio da bunda da avó; (...)

Aline:

Aliás, Roosevelt fora acometido de ódio tal pela espécie que desejava degradá-la a ponto de não mais ser reconhecida.”⁵

Fim do terceiro round. Soa o gongo!





$\frac{18}{2010}$

Andre (em off):

Quarto *Round*: *Cocaína, maconha, morfina, tabaco e heroína.*

Cena 1: Cocaína.

Salete e Acácio:

No motel.

Gus:

“Alex [Cabelo], Marquinhos [Mauricio], a Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens [Lili] e a Secretária Loura, Bronzeada Pelo Sol [Aline], entraram na suíte *Escort* do Motel *Le Petit Palais*.”

Mauricio:

Alex tirou a roupa e mostrou o seu pau duro. (...)

A Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens exclamou:

Lili:

Nossa!

Gus:

A Secretária Loura, Bronzeada Pelo Sol, riu.

Aline:

A Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens segurou o pau de Alex.

Lili:

Alex lambeu a orelha da Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens.

Gus:

Marquinhos tirou um saquinho de cocaína do bolso. A Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens exclamou:

26



verve

Drogas-nocaute

Lili:

Oba!

Cabelo:

Alex tirou a blusa jovem da Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens.

Gus:

A Secretária Loura, Bronzeada Pelo Sol, apertou um interruptor e as luzes estroboscópicas da suíte *Escort* do Motel *Le Petit Palais* se acenderam. A Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens tirou a calça jovem, a calcinha jovem e o sutiã jovem.

Lili:

Tirei!

Cabelo:

Marquinhos se ajoelhou no chão espelhado da suíte *Escort* do Motel *Le Petit Palais* e desenhou um pênis usando a cocaína.

Gus:

A Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens, Alex e a Secretária Loura, Bronzeada Pelo Sol, riram.

Lili:

Alex lambeu a língua da Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens.

Gus:

A Secretária Loura, Bronzeada Pelo Sol, fez um *strip-tease* sob as luzes estroboscópicas da suíte *Escort* do Motel *Le Petit Palais*.

Cabelo:

Marquinhos cheirou um dos escrotos do pênis de cocaína desenhado no chão espelhado da suíte *Escort* do Motel *Le Petit Palais* e tirou a roupa.

27





18
2010

Gus:

Alex agarrou a Secretária Loura, Bronzeada Pelo Sol por trás e esfregou seu pau duro na bunda dela (...). A Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens cheirou o outro escroto do pênis de cocaína desenhado no chão espelhado da suíte *Escort* do Motel *Le Petit Palais* e exclamou:

Lili:

Iurrúúú!

Cabelo:

Marquinhos agarrou a Secretária Loura, Bronzeada Pelo Sol pela frente e esfregou seu pau duro nas coxas dela... Enquanto Alex esfregava seu pau duro na bunda dela (...).

Lili:

A Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens agarrou Marquinhos, por trás, e esfregou sua boceta na bunda dele. (...)

Gus:

As caixas de som, no teto da suíte *Escort* do Motel *Le Petit Palais*, emitiam a música (...)⁶

Serge Gainsburg e Jane Birkin “*Je t’aime... Moi non plus*”.

Cena 2: Maconha.

Salete e Acácio:

Na Praia.

Gus:

“Extremamente tenso, O Adolescente Meio Hippie [Maurício] escolheu um canto mais afastado, na praia de Trindade, para armar a barraca onde ele, O Adolescente Meio Hippie, faria sexo com A Adolescente Meio Hippie [Lili].

28





verve

Drogas-nocaute

Lili:

O Adolescente Meio Hippie estava tão tenso, que se atrapalhou por completo com as cordas e pinos da barraca. O Adolescente Meio Hippie se sentiu um verdadeiro bundão quando A Adolescente Meio Hippie conseguiu armar a barraca sozinha. Para tentar aliviar a tensão, O Adolescente meio Hippie preparou um baseado.

Gus:

O Casal De Adolescentes Meio Hippies fumou o baseado. O Adolescente Meio Hippie se acalmou um pouco e entrou na barraca para trocar sua roupa suada por uma sunga. Mas, quando saiu da barraca, O Adolescente Meio Hippie voltou a ficar muito tenso. (...)

Gus:

(...) A Adolescente Meio Hippie beijou O Adolescente Meio Hippie e disse:

Lili:

Te amo.”⁷

Cena 3: Sexo.

Céu, “*Cangote*”.

Gus canta; Bia dança; os pares [Sofia e Alexis; Aline e Cabelo; Salete e Acácio; Lili e Mauricio] com as mulheres no cangote dirigem-se à plateia, dançam e retornam ao palco.

Cena 4: Bar, morfina e tabaco.

Edson (em off):

“Haverá ainda pequenos bares vagabundos
Com carnes de Extremo Oriente
Para abrigar o ano novo.





18
2010

Acácio:

Pequenos bares com marinheiros lendários
Cujos cachimbos consumirão antigos venenos

Edson (em off):

Bares leves inflados de fumaça
Pequenos bares evanescentes à claridade da aurora.

Acácio:

Bares onde o sol e seu trajeto brilham
Na profunda laca avermelhada das taças;

Edson (em off):

Bares repletos da animação das mesas, e vidraças mortas
Onde estudantes não meterão o nariz.

Acácio:

Pois haverá outros venenos a corroer
A Árvore Viva de nossas fibras prestes a eclodir,

Edson (em off):

Há vinhos não secretados por vinhas terrestres
tão violentos quanto catástrofes.

Acácio:

Salve, ó bar que nos fornece venenos
E misérias e dores e sustos

Edson (em off):

Lançando-nos na nudez de nossas almas
Em cais inacessíveis aos tormentos.

Acácio:

Um silêncio te guarda e nos protege
Silêncio onde não vem se perder a medicina,

Edson (em off):

Um silêncio que nos cura na morfina
Sem receitas, nem decretos.”⁸

30





verve

Drogas-nocaute

Acácio:

“Acendo um cigarro ao pensar em escrever

Edson (em off):

E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.

Acácio:

Sigo o fumo como uma rota própria,

Edson (em off):

E gozo, num momento sensitivo e competente,

Acácio:

A libertação de todas as especulações

Edson (em off):

E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar mal disposto.”⁹

Cena 5: Cigarros.

Bia:

“Vês?! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro da tua última quimera.
Somente a Ingratidão — esta pantera —
Foi tua companheira inseparável!

Salete:

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera

Lili:

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro.
A mão que afaga é a mesma que apedreja.



18
2010

Salete:

Se a alguém causa ainda pena a tua chaga,
Apedreja esta mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!”¹⁰

Cena 6: Heroína e jazz.

Acácio:

“Charlie Parker tocava pra caralho e sabia disso. Ele deveria estar muito feliz, afinal ganhava a vida fazendo o que gostava, tinha uma mulher bonita, inteligente e carinhosa, além de ser o melhor de todos — o Bird. Todo mundo amava o Bird.

Mas, não. (...)

Charlie Parker queria algo, um troço além dos sentidos, além da própria vida. E todo dia Charlie Parker acordava já pensando em algo. E o modo mais simples de esquecer algo era fumando um cigarro. (...) Charlie Parker bebia álcool e, quando ficava bêbado, era como se algo estivesse com ele. Mas para eliminar mesmo a ânsia por algo, nem que fosse, por algumas horas, Charlie Parker se picava com heroína. (...)

Charlie Parker achava que Dizzy [Gillespie] tinha algo e, por isso, Dizzy não precisava beber, nem fumar, nem se picar com heroína. (...) A música bastava para Dizzy. (...)

Charlie Parker parou de fumar, de beber, de se picar, e desceu ao inferno. E no inferno da abstinência não havia algo, nem música. (...)

Até que um dia desses, por aí, Charlie Parker, abstinência, coitado, não aguentou, fumou um cigarro, encheu a cara, se picou e tocou pra caralho. (...)

Charlie Parker voltou a ser o Bird de sempre, fumando, bebendo, se picando, ouvindo elogios, sendo bem cuidado pela sua mulher bonita, inteligente e carinhosa, morrendo, tocando pra caralho, naquela angústia, sentindo falta de algo.”¹¹

Charlie Parker “*I love Paris (Take1)*”

32





verve

Drogas-nocaute

Edson (em off):

“Frustra-me que se examine sempre o problema das drogas exclusivamente em termos de liberdade ou de proibição. Eu penso que as drogas deveriam tornar-se elemento de nossa cultura (...) Devemos estudar as drogas. Devemos experimentar as drogas. Devemos fabricar boas drogas — suscetíveis de produzir um prazer muito intenso. (...) As drogas já fazem parte da nossa cultura. Da mesma forma que há boa música e má música, há boas e más drogas. E, então, da mesma forma que não podemos dizer somos ‘contra’ a música, não podemos dizer que somos ‘contra’ as drogas.”¹²

Fim do quarto round. Soa o gongo!

Andre (em off):

Quinto Round: Os quatro elementos.



Cena única. Os quatro elementos.

Na escuridão.



Gus:

“O combate é de todas as coisas pai, de todas rei, e uns ele revelou deuses, outros, homens; de uns fez escravos, de outros livres. (...) Lembrar-se sempre do dito de Heráclito, que morte de terra é tornar-se água, morte de água é tornar-se ar, de ar fogo”, [de fogo ar, de ar água, e de água, tornar-se terra].¹³

Elenco acende isqueiros e canta os versos: “Terra! Por mais distante/ o errante navegante/ quem jamais te esqueceria?”, da canção “Terra”, de Caetano Veloso.

Fim do quinto round. Soa o gongo!





$\frac{18}{2010}$

Andre (em off):
Sexto *Round*: *Conversação 2*.

Cena única: *Conversação 2*.

Salete:

“Toda ciência temerária dos homens não é superior ao conhecimento imediato que eu posso ter de meu ser. Eu sou o único juiz do que está em mim. (...) Não é por amor à humanidade que você delira, é pela tradição da imbecilidade. Sua ignorância do que é um ser humano só é igual à tolice que te limita. Eu faço votos que sua lei recaia sobre seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos e toda sua posteridade. É agora, engula tua lei.

Lili:

Deixemos que os perdidos se percam: temos mais o que fazer que tentar uma recuperação impossível e ademais inútil, odiosa e prejudicial. Enquanto não conseguirmos suprimir qualquer uma das causas do desespero humano, não teremos o direito de tentar a supressão dos meios pelos quais o homem tenta se livrar do desespero.

Aline:

O inferno já é deste mundo e há homens que são desgraçados, fugitivos do inferno, foragidos destinados a recomençar eternamente sua fuga. (...)

Bia:

Há homens que sempre se perderão. Pouco importa os meios para perder-se: a sociedade nada tem a ver com isso. (...) Ela nada pode, ela perde seu tempo, ela apenas insiste em arraigar-se na sua estupidez. (...)

Sofia:

Por enquanto, não nos suicidaremos. Esperando que nos deixem em paz.”¹⁴

34





verve

Drogas-nocaute

Todos:

Por enquanto, não nos suicidaremos. Esperando que nos deixem em paz.

Fim do sexto round. Soa o gongo!

Andre (em off):

Sétimo Round: Catadores.

Cena única: Catadores.

Beethoven *9ª sinfonia (Adagio, molto e cantabile).*

Os catadores reviram o lixo [Aline, Mauricio, Bia, Alexis, Salete e Acácio].

A sinfonia entra em fusão com Céu, “Cordão da insônia”.

Cabelo, Lili, Sofia e Mauricio, alegremente, dançam ao fundo do palco.

Ao final, na escuridão, todos acendem isqueiros, simulando fumar uma pedra de crack.

Fim do sétimo round. Soa o gongo!

Andre (em off):

Oitavo Round: A gente é assim?

Cena 1: A gente é assim?

Todos:

Boa noite!



18
2010

Coro de mulheres:
Boa noite!

Aline:

“Desde 4 de outubro de 1830, a Câmara Municipal do Rio de Janeiro, no parágrafo 7º da postura que regulamenta a venda de gêneros e remédios pelos boticários, estabelecia que:

Maurício:

É proibida a venda e uso do pito de pango, bem como a conservação dele em casas públicas. Os contraventores serão multados em 20.000 réis e os escravos e mais pessoas, que dele usarem, em três dias de cadeia.

Alexis:

Observe-se a coincidência: a primeira lei mundial contra a maconha é promulgada no mesmo ano da morte da mais famosa maconheira da nossa história: nossa ex-rainha Carlota Joaquina de Bourbon.”¹⁵

Acácio:

“A legislação sobre comércio de narcóticos (Lei 4294/1921) foi assim recebida pela cronista Crisanthème, pseudônimo da escritora Cecília Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos, em uma de suas crônicas semanais publicadas no jornal *O País* do Rio de Janeiro e em São Paulo pelo *Correio Paulistano*. [Diz aí madame Crisanthème]:

Gus:

“Uma lei benfazeja: raia sobre nós a esperança de vermos afastado de nosso céu o terrível ciclone que ameaçava trucidar uma boa parte de nossa população. O uso da morfina e da cocaína entrara nos hábitos de nossa mocidade *chic*, que principiava a ingeri-las por simples curiosidade, por simples imitação aos tarados de outras terras e acabava avassalada pelo pavoroso vício que a estiolava, maltratava e assassinava.”¹⁶





verve

Drogas-nocaute

Coro de mulheres canta:

Bom dia!
Cidade que amanhece trabalhando
Cidade que não deve adormecer
Torpor que vai pegar você
Ó meu Brasil!

Gus:

Alô, Steve Jobs?
[Aqui é] “Albert Hofmann, [grande Inventor do LSD, em meu aniversário de 101 anos]. Eu tomei conhecimento por relatos da mídia que você considera que o LSD te ajudou criativamente no desenvolvimento dos computadores da *Apple* e em tua busca espiritual. Estou interessado em saber mais sobre como o LSD foi útil para você.”¹⁷

Mauricio:

“Hassan Sabá, introduziu o Cannabis em seu bando (...). A rapidez e o júbilo com que matavam seus inimigos cristãos fizeram da seita o mais temido bando de degoladores na Pérsia e na Síria. Como foi Hassan quem difundiu o Cannabis, este se tornou conhecido como haxixe, ou seja, dádiva de Hassan.

Cabelo:

E como os homens de Hassan geralmente estavam ‘altos’ de haxixe, tornaram-se conhecidos como ‘os homens sob a influência do haxixe’, ou em árabe, no singular *hashashin*. A palavra sobrevive até hoje em várias formas e em várias línguas, inclusive o inglês *assassin* (ou o português *assassino*), com suas desagradáveis conotações.”¹⁸

Fim do oitavo round. Soa o gongo!





$\frac{18}{2010}$

Andre (em off):

Nono Round: Álcool.

Cena única: Álcool.

Acácio:

“Acho que beber é uma questão de quantidade, por isso não há equivalente com a comida. (...) A bebida é uma questão... Entendo que não se bebe qualquer coisa. Quem bebe tem sua bebida favorita, mas é nesse âmbito que ele entende a quantidade.

Gus:

Zomba-se muito dos drogados, ou dos alcoólatras, porque eles, [meu caro Gilles Deleuze] sempre dizem: ‘Eu controlo, paro de beber quando quiser’. Zombam deles, porque não se entende o que querem dizer. (...)

Acácio:

Quando se bebe, se quer chegar ao último copo. Beber é, literalmente, fazer tudo para chegar ao último copo. É isso que interessa. (...) Eu tive a sensação de que isso me ajudava a fazer conceitos, é estranho, a fazer conceitos filosóficos. Ajudava, depois percebi que já não ajudava, que me punha em perigo, não tinha vontade de trabalhar se bebesse. Então se deve parar. É simples.”¹⁹

Edson (em off):

“Um homem quando se embriaga é levado por criança impúbere, não sabendo por onde vai, porque úmida tem a alma. (...) Lutar contra o coração é difícil; pois o que ele quer compra-se a preço de alma.”²⁰



verve

Drogas-nocaute

Acácio:

Lutar contra o coração é difícil; pois o que ele quer compra-se a preço de alma.(...) Sou uma andorinha do mato, uma tetara.

Cena extra:²¹

Elenco simula o movimento e as sonoridades do trem: dode-sukaden-dodesukaden.

Acácio:

“Tudo que fazemos na vida, inclusive o amor, fazemos no trem expresso que corre até a morte. [...] Fumar ópio é abandonar o trem em marcha; é ocupar-se de outra coisa que a vida ou a morte.”²²

Gus:

“Agora acontece que as tartarugas são as grandes admiradoras da velocidade, como é natural.
Os esperanças sabem disso e não ligam.
Os famas sabem e caçoam
Os cronópios sabem e cada vez que encontram uma tartaruga, puxam a caixa de giz colorido e na lousa redonda da tartaruga desenham uma andorinha.”²³
Sou uma andorinha do mato. Uma tetara!

Salete:

“Os inquietos, os desassossegados, os mutáveis, quando dão vazão ao seu modo de vida instável são chamados: *espíritos insatisfeitos.*”²⁴

Laurie Anderson, “*From the Air*”.

Fim do nono round. Soa o gongo!





18
2010

Andre (em off):

Décimo *Round*: *O eterno retorno*.

Cena única: O eterno retorno.

Bia:

“Diz o Corpus hipocrático que ‘são drogas as substâncias que atuam esfriando, aquecendo, secando, umedecendo, contraindo, relaxando ou fazendo dormir’. No entanto, para chegar a uma definição tão secularizada os gregos percorreram um longo caminho. Na *Odisséia*, quando Helena serviu o *nepenthés*, diz o poeta que ‘a mistura de alguns fármacos é saudável e a de outros, mortal’.

Lili:

Phármakon significa remédio e tóxico; não uma coisa *ou* outra, mas as duas. (...) Ao mesmo tempo, drogas são também os filtros das feiticeiras, assim como o conjunto da matéria médica vegetal. Lendo com atenção a Teofrasto se nota que a origem deste conceito [de *phármakon*] provém das insuficiências detectadas na ideia da planta toda-benéfica (*panakéia*) e da planta toda-maléfica (*strychnos*).

Salete:

O grego compreendeu que certas substâncias participam de ambos os estatutos, de modo que não cabia considerá-las só benignas ou só danosas. Daí que em Homero a mesma palavra nomeie tanto as poções benéficas de Helena e Agamede quanto as misturas malignas de Circe.

Aline:

A toxicidade de um fármaco é a proporção concreta entre dose ativa e dose letal; por isso nenhuma propriamente dita pertence ao inócuo ou apenas ao curativo. Como dirá muito mais tarde Paracelso, *sola dosis facit venenum* [apenas a dose faz o veneno].²⁵

40





verve

Drogas-nocaute

Cabelo:

“Baudelaire praticamente encerrou qualquer debate sobre a imaginação estimulada ou não do artista sob o efeito de drogas ao alertar que elas só produzem estados de espírito interessantes em pessoas interessantes, porque imaginações grosseiras produzem visões grosseiras.”²⁶

Silêncio.

Edson (em off):

“Cães ladram contra o que eles não conhecem.”²⁷

Edson (em off):

Cães ladram contra o que eles não conhecem.

Fim do décimo round. Soa o gongo!

Andre (em off):

Décimo-primeiro *Round*. *Nocaute?!*

Cena única: nocaute?!

Gus:

Porra meu, já não sei se esta é primeira vez, a quarta... É um quarto no quarto andar? Por que me deixam aqui sozinho, sem ao menos um quarto de LSD? (Pausa) Sem você! (Pausa) Você gostou quando eu trouxe felicidade no meio da ditadura? (Pausa) Eu tentei ser comum. Eu quero... arranjar emprego, sem LSD. Vou abandonar a construção de minha espaçonave.

Acácio:

Eu nem sei mais se aguentarei tanta solidão. De que vale querer mudar o mundo, quando ele não muda? Devo permanecer mudo gritando contra tudo? Derrubar hierarquias, muros, abrir o mar. Eles não entendem, me prendem, me medicam, me calam. Não uso drogas, não bebo, em fumo. (Pausa) Até quando ficarei neste falanstério? Isso é um falanstério?

41





$\frac{18}{2010}$

Gus:
É preciso voar.

Acácio:
Voar é para o pássaro.

Gus:
Viajar.

Acácio:
Não me mascaro.

Gus:
Meu corpo trespassado.

Acácio:
Dormir e não sonhar.

Gus:
Um lampião apagado.

Acácio:
Andar sem parar.

Gus:
Voar. Não serei seu prisioneiro.

Fim do décimo-primeiro round. Soa o gongo!

*Décimo-segundo round.
Andre não se pronuncia.*

Elenco canta com Mutantes, "A balada do louco", e sai pela plateia.

FIM

42





verve

Drogas-nocautе

Notas

¹ Aula-teatro (tetara) 7. Pesquisa: Acácio Augusto, Aline Passos, Anamaria Salles, Andre Degenszjan, Beatriz Scigliano Carneiro, Edson Passetti, Eliane Knorr, Gustavo Ramus, Gustavo Simões, Lúcia Soares, Luíza Uehara, Mauricio Freitas, Salete Oliveira, Thiago Rodrigues. Apresentação em 16 e 17 de maio de 2010 no teatro *Tucarena*, na PUC-SP. Com: Acácio Augusto, Alexis Milonopoulos, Aline Santana, Andre Degenszajn, Beatriz Scigliano Carneiro (Bia), Eliane Knorr (Lili), Edson Passetti, Gustavo Simões (Gus), Gustavo Ramus (Cabelo), Mauricio Freitas, Salete Oliveira e Sofia Osório. Produção gráfica: Andre Degenszajn. Operadoras de luz: Anamaria Salles e Luíza Uehara. Adereços: Beatriz Scigliano Carneiro. Sonofonia: Vitor Osório (convidado). Coordenação, ambientação e trilha musical: Edson Passetti.

² Errico Malatesta. “Uma proposição que não será aceita”. Tradução de Dorrothea Voegeli Passetti in Edson Passetti. *Das fumeries ao narcotráfico*. São Paulo, Educ, 1991, pp. 145-146.

³ Monteiro Lobato. *Reinações de Narizinho*. São Paulo, Brasiliense, 1959, pp. 248-249.

⁴ Dalton Trevisan. *O maníaco do olho verde*. Rio de Janeiro, Record, 2008, pp. 7-11.

⁵ William Burroughs. *Cartas do yage*. Tradução de Bettina Becker. Porto Alegre, LP&M, 2008, pp. 60-65.

⁶ André Sant’anna. *Sexo*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2001, pp. 75-76.

⁷ Idem, pp. 131-132.

⁸ Antonin Artaud. “Bar”. Tradução de Marta Gambini in Revista *Libertárias*, nº 2, 1997, p. 80.

⁹ Fernando Pessoa. “Tabacaria” in *Obra poética*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Aguilar, 1987, p. 300.

¹⁰ Augusto dos Anjos. “Versos íntimos” in *Eu e outras poesias*. Rio de Janeiro, Bedeschi, s.d., p. 162.

¹¹ André Sant’anna. “Bird e algo” in *Inverdades*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2009, pp. 35-36.





¹² Michel Foucault. “Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e política”. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento in *Verve*, vol. 5. São Paulo, Nu-Sol/PUC-SP, 2004, pp. 264-65.

¹³ Heráclito de Éfeso. *Os pré-socráticos*. São Paulo, Nova Cultural, Coleção Os Pesadores, 1999, pp. 93 e 95.

¹⁴ Antonin Artaud. “Segurança pública — a liquidação do ópio” in *Escritos de Antonin Artaud*. Tradução de Cláudio Willer. Porto Alegre, L&PM, 1983, pp. 23-26.

¹⁵ Luiz Mott. “A maconha na História do Brasil” in Anthony Henman e Oswaldo Pessoa Júnior. *Diamba Sarabamba*. São Paulo, Ground, 1986, p. 131.

¹⁶ Idem, pp. 140-141.

¹⁷ Albert Hofmann. *Dear Steve*. Disponível em: <http://www.tinyurl.com/mevv78> (acesso em: 12/03/2010). Tradução de Beatriz Scigliano Carneiro.

¹⁸ John Cashman. *LSD*. Tradução de Miriam Schnaiderman. São Paulo, Editora Perspectiva, 1980.

¹⁹ Gilles Deleuze. “Letra B de beber” in *Abecedário*. Disponível em: http://br.geocities.com/polis_contemp/deleuze_abc.html#beber (acesso em: 12/03/2010).

²⁰ Heráclito de Éfeso, 1999, op. cit., pp. 96 e 100.

²¹ Cena extra apresentada no dia 17 de maio.

²² Jean Cocteau. *Ópio: Diário de una desintoxicación*. Tradução de Mauricio Wacques. Barcelona, Brughera, 1981, p. 44. (Adaptação de Edson Passetti)

²³ Julio Cortázar. *História de cronópios e de famas*. Tradução de Gloria Rodríguez. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977, p. 157.

²⁴ Max Stirner. *O único e sua propriedade*. Tradução João Barrento. Lisboa, Antígona, 2004, p. 94. (Adaptação de Edson Passetti & Acácio Augusto)

²⁵ Antonio Escohotado. *Historia de las drogas, vol. 1*. Madrid, Alianza Editorial, 1998, p. 137.

²⁶ Edson Passetti, 1991, op.cit., p. 89.

²⁷ Heráclito de Éfeso, 1999, op. cit., p. 98.





DROGAS-NOCAUTE

DROGAS-NOCAUTE

aula-teatro 7



17 e 18 de maio
19h30

Tucarena, PUC-SP

[R. Monte Alegre, 1024]

Retirada de ingressos gratuitos às 18h30



www.nu-sol.org

